

**QUESTÕES TEÓRICO-EPISTEMOLÓGICAS À PESQUISA SOCIAL
CONTEMPORÂNEA: O PESQUISADOR, O ATOR SOCIAL E OUTROS
ASPECTOS**

**THEORETICAL-EPISTEMOLOGICAL ISSUES FOR CONTEMPORARY
SOCIAL RESEARCH: THE RESEARCHER, THE SOCIAL ACTOR AND
OTHER ASPECTS**

Fernando da Silva Cardoso¹

Mário de Faria Carvalho²

RESUMO

O presente ensaio tem por objetivo discutir algumas concepções teórico-epistemológicas acerca da relação entre pesquisador e ator social na pesquisa científica. Pretende-se problematizar e relacionar, a partir de uma revisão bibliográfica, algumas notas à produção do conhecimento que correspondam a uma perspectiva não hierarquizante dos sujeitos, de seus saberes e do próprio campo de pesquisa. Para tanto, partiremos das ideias propostas por Ranci (2005), Minayo (2000; 2001), Santos (1995; 1988) e Lincoln e Guba (1988; 2006). Assim, busca-se assinalar dado *corpus* teórico-metodológico que dialogue perspectivas teóricas, políticas e afirmadoras dos saberes em suas diversas concepções, lugares de fala e universos. Por fim, tem-se a ideia de que é preciso fortalecer e considerar a relação entre o ato de investigar, o ator social e o pesquisador, analisando as experiências construídas no cotidiano como lócus a sua ressignificação, de modo a apresentar novos e mais inclusivos parâmetros interpretativos da realidade e das subjetividades que a perfazem, para além do método cartesiano e positivista de pensar o saber contemporâneo.

PALAVRAS-CHAVE: Pesquisa social; Epistemologia; Ator social; Pesquisador.

ABSTRACT

This essay aims to discuss some theoretical-epistemological conceptions about the relationship between researcher and social actor in scientific research. It is intended to problematize and relate, from a bibliographic review, some notes to the production of knowledge that correspond to a non-hierarchical perspective of the subjects, their knowledge and the field of research itself. To do so, we will start from the ideas proposed by Ranci (2005), Minayo (2000, 2001), Santos (1995, 1988) and Lincoln and Guba (1988, 2006). Thus, it is sought to indicate given theoretical-methodological corpus that will dialogue theoretical, political and affirming perspectives of the knowledge in its diverse conceptions, places of speech and universes. Finally, we have the idea that we must strengthen and consider the relationship between the act of investigating, the social actor and the researcher, analyzing the experiences constructed

¹ Doutorando em Direito - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Mestre em Direitos Humanos - Universidade Federal de Pernambuco. Professor Assistente, Subcoordenador de Pesquisa e Extensão e membro do Núcleo Docente Estruturante do Curso de Direito da Universidade de Pernambuco - Campus Arcoverde. E-mail: cardosodh8@gmail.com

² Doutor em Sciences Sociales - Université René Descartes - Paris V. Professor Associado Nível I do Núcleo de Design e Comunicação e Professor Permanente do Programa de Pós-graduação em Educação Contemporânea, ambos da Universidade Federal de Pernambuco / Centro Acadêmico do Agreste. E-mail: mariofariacarvalho@gmail.com

in the everyday as a locus of their re-signification, in order to present new and more inclusive interpretative parameters of reality and the subjectivities that make it, besides the Cartesian and positivist method of thinking contemporary knowledge.

Keywords: Social research; Epistemology; Social actor; Researcher.

INTRODUÇÃO

Tem-se observado nos espaços onde se dá a pesquisa acadêmica o fortalecimento da discussão e o estabelecimento de posturas formativo-políticas na construção do saber. A procura por alternativas à substituição de métodos tradicionais racionalistas e hegemônicos – especialmente os de caráter cartesiano e positivista – e o processo em se (re)conhecer a realidade de forma dinâmica, valorizando o conhecimento dos atores sociais, são aspectos que têm reacendido novos debates sobre os contornos desse cenário.

Nesse sentido, o presente ensaio parte do pressuposto de problematizar a construção da relação entre ator social e o pesquisador na quebra de paradigmas rígidos e do auto rigor que persistem em acompanhar o dimensionamento da pesquisa social contemporânea. Ainda, buscamos apresentar um diálogo – a partir dos autores apontados no resumo e ao longo do texto – acerca da necessidade de serem reposicionados instrumentos, técnicas e outros mecanismos de aproximação com o campo eleito, na busca pelo indispensável reconhecimento da importância dos atores sociais e de seus saberes em todo o processo de construção do saber.

Desse modo, o presente trabalho se prontifica a repensar o funcionamento metodológico que é fundado na concepção cartesiana do saber científico, que carrega a pretensão de domínio sobre o sujeito que participa da pesquisa, distanciando-o de seu pesquisador. Para tanto, partimos da ideia de que, se o método herdado do iluminismo e de Descartes, por um lado, tornou-se um critério exponencial de legitimidade científica para campos complexos de conhecimento, inclusive para as Ciências Sociais, por outro, instituiu um *modus pensandi* pautado na causalidade simples e imediata, vinculando o efeito apenas à sua causa próxima, decorrendo, assim, o reducionismo das coisas e o enclausuramento disciplinar do campo eleito e dos atores sociais.

Sob o argumento de que há um raciocínio profundamente diverso ao isso que chamamos de enclausuramento disciplinar, ou seja, a consideração da pesquisa sob a égide vazia da neutralidade, e a partir do pressuposto de que o conteúdo das relações menosprezado por tal visão se volta violentamente contra a própria coerência da pesquisa social, nos dispomos neste estudo refletir alguns paradigmas que permeiam esse contexto, dispondo algumas notas teóricas para pensa-lo. Este ensaio, instrumentalizado a partir de uma pesquisa bibliográfica de caráter exploratório, volta-se a lançar mão de algumas notas teóricas sobre como a díade ator social/pesquisador pode ser problematizada e considerada na dinâmica contemporânea da produção do conhecimento.

Embora, pouco a pouco, a discussão proposta neste ensaio vá ganhando forma e se desdobrando, o presente estudo³ se organiza a partir de duas questões primárias: as relações entre pesquisador e pesquisado podem ser construídas sob o viés da horizontalidade? Que mudanças a resposta afirmativa à questão anterior pode trazer ao reposicionamento do saber científico contemporâneo?

Portanto, o desdobramento e organização deste manuscrito levará em consideração uma dada compreensão inter-relacional entre pesquisador e sujeitos participantes da pesquisa. Nestes intercâmbios existentes entre esses dois grupos, buscase pensar o lugar dos atores sociais na produção do saber e concebê-los, cooperativamente, a partir da dinâmica na qual o sujeito informante é compreendido na importância de sua influência para construção do saber científico e não apenas como objeto de mensuração rígida e vazia de sentido.

2 REFLEXÕES SOBRE O CARTESIANISMO E O REDIMENSIONAMENTO DO OLHAR PESQUISADOR: SOBRE PENSAR A PESQUISA NA ATUALIDADE

³ O interesse pela discussão acerca das relações estabelecidas entre o pesquisador e os sujeitos da pesquisa se deu pelo fato de termos encontrado, na construção de algumas investigações, dificuldades em se estabelecer uma aproximação significativa e colaborativa com os atores participantes do processo de investigação social. Até mesmo, devido à rejeição de alguns deles em colaborar com a realização de determinadas pesquisas. Sendo que, destas vivências e a postura teórica discutida em relação aos sujeitos de determinados estudos nos fez pensar alguns aspectos, os quais passamos a considerar essenciais à instrumentalização da pesquisa social.

Diferentes níveis de abordagem da realidade compõem a dinâmica da Pesquisa Social, especialmente aquela de caráter qualitativo. Repensar parte desta dinâmica teórico-metodológica da/para a Pesquisa Qualitativa sobre as relações sociais é de suma importância para a construção do conhecimento nos dias de hoje, e, também, é o cerne do presente ensaio.

Buscaremos traçar algumas considerações acerca do jogo relacional em que o pesquisador e o ator social se colocam e, ao mesmo tempo, estão postos, na construção da atividade de pesquisa.

As ideias apresentadas por Ranci (2005) serão, primariamente, apontadas, correspondendo ao ponto de partida e, também, ao eixo central desta discussão/reflexão. No entanto, dialogaremos com o referido autor tomando por base as considerações propostas por Minayo (2000; 2001; 2012), Santos (1995; 1988) e Lincoln e Guba (1988; 2006).

Costanzo Ranci (2005) em *“Relações difíceis: a interação entre pesquisadores e atores sociais”* estabelece algumas reflexões a respeito dos problemas metodológicos na relação entre pesquisador e ator social quando envolvido em determinado fenômeno social objeto de estudo de uma pesquisa. O autor italiano se depara com o seguinte aspecto:

[...] o tratamento da diversidade pode ser colocado como problema quando a necessidade de encontrar uma comunicação entre linguagens e culturas anteriormente desconhecidas se apresenta como obstáculo na interpretação dos atores sociais de determinado grupo ou comunidade (RANCI, 2005, p. 50-51).

Em suas proposições Ranci caminha no sentido de mostrar que a pesquisa não está mais imbrincada a um único parâmetro científico, iminentemente cartesiano, positivista, hermeticamente fechado e “modernamente idealizado”. Na verdade, o autor pretende nos conduzir à percepção da necessidade de se considerar o ator social como um agente do saber que se posiciona e reposiciona em diversos espaços e aspectos no corpo social, e, logo, não existe uma representação fixa para determinada pessoa e/ou grupo de sujeitos na pesquisa.

Nesse sentido, Ranci (2005) dialoga com um ideal de ciência que seja alternativo aos modelos etnocêntricos⁴ do fazer científico. Assinala para a necessidade de abordagens não positivistas à pesquisa. As contribuições advindas deste modo de pensar/materializar a pesquisa social refletem diretamente na construção do conhecimento científico, onde “o real é realidade que se conhece” (MINAYO, 2000), ou seja, a visão de mundo dos atores sociais está implicada em todo o método, desde a concepção do objeto até o resultado final do trabalho de investigação, e que esta construção metodológica da pesquisa se afasta de um parâmetro absoluto e hegemônico, predominantemente cartesiano e positivista.

Cabe apontar, nessa linha de pensamento, que o sociólogo Boaventura de Sousa Santos, em sua obra “*Um Discurso Sobre as Ciências*” (1995), pormenoriza a ordem científica hegemônica caracterizada pela constância cartesiana que Ranci (2005) questiona. Santos descreve os sinais da crise dessa hegemonia, distinguindo as condições teóricas e as condições sociológicas da crise, e, finalmente, especula sobre o perfil de uma nova ordem científica emergente. O sociólogo dirige a sua crítica à implantação pelas ciências sociais das formas de positivismo lógico ou empírico, de modo que sustenta, por meio de suas reflexões, a revalorização do senso comum e as chamadas humanidades ou estudos humanísticos (SANTOS, 1995), dimensão também retomada por Ranci (2005).

Ao descrever o modelo de racionalidade que permeia a ciência moderna, aponta que:

Sendo um modelo global, a nova racionalidade científica é também um modelo totalitário, na medida em que nega o caráter racional a todas as formas de conhecimento que não se pautarem pelos seus princípios epistemológicos e pelas suas regras metodológicas. É esta a sua característica fundamental e a que melhor simboliza a ruptura do novo paradigma científico com os que o precedem (SANTOS, 1995, p. 10).

O renomado sociólogo discorre sobre a confiança epistemológica de Descartes, pautada na atitude mental característica de seu modelo, a saber: a uniformidade do pensamento verdadeiro, na quantificação em detrimento da qualificação e, ainda, no método ou trajeto que se baseia no argumento de fragmentar para conhecer. Aponta,

⁴ Tomamos esta concepção enquanto uma visão de mundo e do *outro* na qual o pesquisador toma a si próprio como centro de todo o processo de investigação. Ainda, pensa a pesquisa única e exclusivamente a partir de suas concepções pessoais, nega aos atores sociais qualquer possibilidade de ser e pensar a sua atuação na produção do conhecimento. Para melhor entender, ver Minayo (2000).

deste modo, duas características da essência cartesiana que, segundo ele, são merecedoras de reflexões na contemporaneidade:

Em primeiro lugar, conhecer significa quantificar. O rigor científico afere-se pelo rigor das medições. As qualidades intrínsecas do objeto são, por assim dizer, desqualificadas e em seu lugar passam a imperar as quantidades em que eventualmente se podem traduzir. [...] Em segundo lugar, o método científico assenta na redução da complexidade. O mundo é complicado e a mente humana não o pode compreender completamente. Conhecer significa dividir e classificar para depois poder determinar relações sistemáticas entre o que se separou. Já em Descartes uma das regras do *Método* consiste precisamente em dividir cada uma das dificuldades em tantas parcelas quanto for possível e requerido para melhor resolver (SANTOS, 1995, p. 15).

Percebe-se que o método cartesiano corresponde a um conjunto de regras com vistas a dar segurança e/ou rigidez ao pensamento científico, direcionado a evitar “complicações” ou “esforços inúteis” e permitir o alcance a maior quantidade de conhecimento possível. Nas palavras de Pacheco (2008, p.107-108), do olhar cartesiano surgem alguns mandamentos para o cientista:

Este deve estar sempre, intensamente, concentrado no objeto a ser analisado, mas encontra-se desobrigado a olhar para si mesmo como ser humano que tem um corpo, uma história, fala uma língua e vive em uma cultura. [...] ‘Penso, logo, existo’ indica que para existir é necessário pensar e que as únicas coisas que existem de fato são aquelas que se encaixam no pensamento. Assim, o *cogito*, o eu que nada mais é além de pensar, revela-se como uma construção abstrata e capaz apenas de articular abstrações.

Como pressupõe o dualismo corpo/mente, o cartesianismo propõe que o pensamento que se guia pela lógica está dissociado de qualquer subjetividade. O que se coloca aqui é que mesmo sob o prisma do controle e do distanciamento que se exige do cientista, por essa perspectiva, trata-se de múltiplas subjetividades, razão pela qual as críticas a respeito desse modelo de rigor matemático são percucientes, como menciona Santos (1995, p. 26):

Por um lado, sendo estruturalmente limitado o rigor do nosso conhecimento, só podemos aspirar a resultados aproximados e por isso leis da física são tão só probabilísticas. Por outro lado, a hipótese do determinismo mecanicista é inviabilizada uma vez que a totalidade do real não se reduz à soma das partes em que a dividimos para observar e medir.

Feitas tais considerações sobre a crítica ao método cartesiano/positivista para as ciências humanas e sociais, ao retomar o pensamento de Costanzo Ranci, vê-se que o

autor aduz à importância dos sentidos e significados criados/empregados pelo pesquisador⁵ na compreensão dos fenômenos sociais.

Desse modo, a atuação dos atores sociais ganha interesse por elaborar significados que influenciam a ação (ou inação) no processo de conhecimento da realidade. Lincoln e Guba (2006), por exemplo, tratam desta circunstância como o espaço “[...] onde e como a confluência é possível, onde a reconciliação construtiva pode ser negociada, onde as vozes estão começando a alcançar alguma harmonia”. Nestes termos, as premissas rancianas terminam por, construtivamente, fornecer aos cientistas sociais uma lógica não binária, cartesiana ou positivista à pesquisa social, uma abordagem que privilegia o entendimento de que “[...] o objeto das ciências sociais é complexo, contraditório, inacabado, e em permanente transformação” (MINAYO, 2000, p. 26).

3 A PESQUISA SOCIAL E A INTERAÇÃO RELACIONAL ENTRE ATOR SOCIAL E PESQUISADOR: COOPERAÇÃO E CONHECIMENTOS COMPLEMENTARES

A atuação de diferentes atores na investigação dos fenômenos sociais pode ser compreendida como uma confirmação de que a pesquisa, enquanto atividade básica das Ciências, é uma ação de aproximação sucessiva e política da realidade, que nunca se esgota, que articula uma combinação particular entre aquilo que o pesquisador acredita saber e aquilo que o campo e os sujeitos o oferecem à resignificação.

A ideia de não-neutralidade do ator social no processo cognoscitivo, proposta por Ranci (2005), é fundamental no abandono da imagem de um “mundo físico, onde se acredita estar em uma situação separada e distinta da que se deseja conhecer”, construindo assim um mundo ligado ao conhecedor (LINCOLN; GUBA, 2006; 1988).

Entendemos a partir do proposto pelos autores acima que os mecanismos cognoscitivos apresentados pelo ator social ao longo da pesquisa são decisivos na redefinição do método, no modo de interpretar a realidade e, principalmente, sobre quais premissas a representam de forma aproximada. Na pesquisa social, além de constituir um aspecto inevitável do estudo, a relação com os sujeitos, funcionalmente,

⁵ O autor confere especial discussão à condição de como o pesquisador “observa o jogo no campo de pesquisa”, ou seja, entende a relação entre pesquisador e ator social como sendo “negociada”.

ressignifica o “ato de conhecer”. Nestes intercâmbios existentes entre esses dois sujeitos, Ranci (2005) aponta que todo este (as)sincronismo ora constitui o objeto direito da pesquisa, ora representa o fonte de informações buscadas pelo pesquisador. E que, nesse sentido, é preciso enxergar sensivelmente o sujeito informante, necessariamente, como influente e decisivo na construção do saber científico.

Minayo evidencia-nos o importante potencial dos arranjos da pesquisa social na redefinição dos espaços ocupados pelo pesquisador e pelos atores sociais. Para a autora, os “pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo no conhecimento dos fatos sociais” (2001, p. 26). Desse processo, segundo Ranci (2005, p. 44): “emergem definições e interpretações sobre o campo, igualmente relevantes para o conhecimento do fenômeno estudado”.

Muito além de um quadro de “conflitos” ou de “perturbações metodológicas” (RANCI, 2005), a pesquisa social – especialmente a de caráter qualitativo – leva-nos a entender que a atuação do sujeito informante é, em qualidade, assumida como a possibilidade de se (re)criar interpretações e esquemas explicativos capazes de colocar à prova o próprio percurso metodológico da pesquisa e dar voz a sujeitos invisíveis.

O “não rigor”⁶ proposto por Ranci (2005) é a possibilidade de distanciamento de um saber estritamente positivista, marcado pelo suposto imaginário de neutralidade científica. Afinal, existem paradigmas que não podem explicar e argumentar contra a investigação positivista tradicional (LINCOLN; GUBA, 1988; 2006). Há, no pensamento ranciniano, a sugestão e algumas notas para a uma abordagem alternativa, de apoio e incentivo à utilização de novos paradigmas na pesquisa social. É nesse sentido que surge a ideia de que: “A investigação social constitui-se então em um jogo relacional em que o pesquisador e o ator social entram em interação em torno de uma atividade reflexiva em que ambos estão na condição de observadores e de observados” (RANCI, 2005, p. 46).

Entendemos o método científico em Ranci como sendo marcado pelas confluências. O jogo relacional da pesquisa social é considerado, em seu pensamento, enquanto um espaço que privilegia “o intercâmbio de papéis” (RANCI, 2005, p. 46). Assim, compreendemos ser necessária a busca pela instrumentalização de uma

⁶ Utilizamos este termo no sentido da não utilização de regras rígidas, redutoras do lugar e da narrativa do ator social na realização da pesquisa social.

investigação social capaz de gerar conhecimentos que complementem ou suplementem saberes populares, em vez de simplesmente substituí-los por uma suposta sondagem neutra dos fenômenos e problemas sociais.

Dessa forma, a qualidade deixa de ser produto ou resultado de um exacerbado controle sobre o objeto, e, por conseguinte, sobre os atores sociais estudados. Todo o descentramento da pesquisa em relação ao sujeito e suas consequências, observadas na obra de Ranci, se associam à necessidade de uma revisão radical, em termos epistemológicos, sobre a relação pesquisador-sujeito-objeto no processo do conhecimento (RANCI, 2005) que, sendo diferentemente desenvolvida, incidirá sobre a real e mais adequada qualidade daquilo que se estabelece enquanto conhecimento.

Assim, acreditamos que problemas metodológicos que surgem durante a execução de uma pesquisa podem ser ultrapassados quando adotada uma postura colaborativa em relação aos sujeitos da pesquisa. Afinal, existe, na pesquisa social, um verdadeiro encontro entre diferentes grupos e sujeitos, que redefine identidades, posturas e posições de poder de quem se dedica a investigar e dos sujeitos participantes da realização da pesquisa.

A permanente busca pela diminuição dos obstáculos neste jogo relacional se constitui, no pensamento de Ranci (2005), como horizonte à construção de um quadro no qual os atores sociais ocupam um lugar de estabilidade e confiança frente ao pesquisador. No entanto, o autor adverte que a constituição destas estratégias de redução da distância entre observador e o sujeito observado têm suas fragilidades evidenciadas quando o pesquisador se coloca em um campo social distante e rígido quando em comparação a aquele que lhe é familiar. Por isso, Minayo (2000) aduz e enfatiza sobre a necessidade de não ser tomado nenhum passo na pesquisa que dinamize enquanto estanque, e, ainda, que é preciso enxergar a inter-sociabilidade existente nas práticas de auto reflexividade apresentadas/propostas pelos atores sociais.

Afinal, como destaca Ranci (2005, p. 49), frequentemente, os obstáculos ocorrem “devido nem tanto à rejeição dos atores sociais para colaborar, mas pelo fato que eles adotam comportamentos voltados a induzir nos pesquisadores uma mudança de papéis ou de posições”. Esta interação deve ser resultado da busca pela escuta das falas dos sujeitos participantes da pesquisa. É a palavra, o dito, na emoção e subjetividade humana que devem ser assumidos como parte da tão discutido razão científica

(LINCOLN; GUBA, 2006). É preciso que o pesquisador avalie o seu “*eu*” (desincorporado) e as ações e posições dos participantes, que, mesmo nessa condição, não deixam de representar e performar seus “*eus*”.

Cremos que o processo cognoscitivo que conduz a pesquisa à interação com o campo passa, necessariamente, por um ato contínuo de reflexão crítica e situada sobre o “*eu*” exercido na função de pesquisador. É a partir da experimentação consciente e livre do “*eu*”, no papel de investigador, que é possível reconhecer de forma aproximada a subjetividade dos atores sociais nos processos de investigação. Afinal, como cita Minayo (2000), na relação entre estes sujeitos e na perspectiva contemporânea em Ciência, os atores sociais terminam por ocupar o lugar de objetos e, portanto, de passividade na relação com quem ousa conhecer algo.

É preciso considerar o problema e a existência de obstáculos que emperram a pesquisa também como sendo um problema no trato da diversidade (RANCI, 2005, p. 49). É, nesses termos, que Costanzo Ranci em sua discussão demonstra ser latente a necessidade de elaboração de uma comunicação, mesmo que limitada, entre linguagens e culturas anteriormente desconhecidas (2005, p. 49), marcada pela diversidade e não pela rigidez.

Lincoln e Guba (2006, p. 17) apresentam alguns aspectos centrais no reconhecimento deste elo: honestidade – as vozes dos colaboradores devem estar presentes na elaboração metodológica de todo o estudo, assim como, no mesmo grau de importância em relação as do pesquisador; autenticidades ontológica e educativa – são necessários critérios para a determinação de um nível elevado de consciência entre os participantes da pesquisa; autenticidades catalíticas e táticas – devem ser trabalhadas habilidade de induzir no participante a ação e de levar o pesquisador a participar da ação social desse sujeito como caminho a construção do conhecimento.

As reflexões advindas da discussão construída por Yvonna Lincoln e Egon Guba (1988; 2006) nos remetem a critérios de uma base construtivista⁷ voltados a amoldar

⁷ O controle sob a participação dos atores sociais na pesquisa proposto por Yvonna Lincoln e Egon Guba (2006) passa pela necessária participação cada vez mais ativa dos atores sociais na construção de todos os processos da pesquisa. Apontam as bases construtivistas enquanto possíveis mecanismos a construção de conhecimentos cada vez mais intercambiáveis entre pesquisadores e sujeitos.

novos processos da investigação social⁸ e no tratamento da diversidade humana, aspectos também vistos no pensamento de Ranci (2005, p. 51) quando o autor aponta para a ideia de que o problema no trato da diversidade enuncia um problema maior: “a existência de desvios e conflitos na definição da realidade e de sua estrutura de relevância”. Assim, o autor nos referencia a premissa de que não é suficiente perceber o que nos é diverso, a questão está em legitimar a diversidade na construção do saber, de reconhecer a pesquisa, também, enquanto produto da colaboração dos atores sociais.

A partir deste quadro, entendemos que não oferecer destaque à relação da pesquisa com os atores sociais, e vice-versa, passa a ser uma questão e/ou problema metodológico central para a realização da própria investigação. Esta questão é de suma importância, seja no plano prático como também no cenário teórico deste trajeto.

A reflexão estabelecida até aqui nos ajuda a entender que é preciso avançar e superar o falso entendimento de que o respeito a regras metodológicas convencionais de pesquisa, como validade, rigor, controle, dentre outras, seriam suficientes para construir mecanismos de aproximação apropriados com os atores sociais. Por outro lado, localizar elementos que sejam capazes de neutralizar o distanciamento entre ator social e pesquisador é o cenário que se apresenta, hoje, como o grande desafio e cerne da pesquisa social.

Compreendemos, nas ideias estabelecidas por Ranci (2005), por exemplo, que a atuação dos atores sociais – antes assumidos como “incompetentes” ou “desacreditados” em relação à construção metodológica da pesquisa – deve ser repensada, de modo a recolocar estes sujeitos num plano de legitimidade, no qual a construção do conhecimento relaciona-se diretamente com os participantes da pesquisa. Também, em Minayo, percebemos que os mecanismos para este reposicionamento dos atores sociais na realização da pesquisa social devem ser acompanhados de critérios de identidade – ou de identificação – como forma de, empaticamente, instrumentalizar o método no seu todo (2001, p. 54).

Para nós, é preciso haver um processo de descentramento desse trajeto, analisado acima e além da vontade de contribuir com a construção do conhecimento por parte dos atores sociais, mas, como a forma de se construir, na instrumentalização da pesquisa

⁸ Os autores propõem fundamentais para a pesquisa social enquanto ideal construtivista. Nesse sentido os critérios sob os quais o pesquisador venha a julgar a “realidade” ou “validade da pesquisa” não poderão nunca ser absolutos, nem desprezar a influência dos sujeitos.

social, relações menos autoritárias e outras perspectivas em relação ao campo, aos sujeitos e às realidades investigadas.

Pensamos, assim como Ranci (2005), Minayo (2000; 2001) e Lincoln e Guba (1988; 2006), que é preciso ser fomentado no âmbito da pesquisa social um processo de deslocamento da noção de sujeito do conhecimento, ainda definido nos moldes da ciência positivista moderna, seja a partir do questionamento da primazia desse sujeito que descreve, conhece, decompõe, controla e antevê a realidade, ou quanto a sua autonomia absoluta em relação à posição – subjugada e subalternizada – ocupada pelo ator social.

É preciso repensar e construir relações de aproximação e de parceria com os atores sociais, as quais possam caminhar no reconhecimento destes sujeitos como atuantes e potencialmente autores não só do conhecimento científico, mas, igualmente, enquanto artífices de suas realidades, fabricantes de múltiplos saberes, com base em um ponto de partida epistemológico e/ou político inclusivo.

Os autores discutidos nos trazem a ideia de que, na pesquisa social contemporânea, os atores sociais não podem estar/ser passivos diante do pesquisador. A investigação e a compreensão da realidade precisam partir da ideia de que os sujeitos interferem direta e qualitativamente na construção do conhecimento que é produzido acerca deles, que interpelam toda a fundamentação teórico-metodológica de uma investigação.

Ao dialogarmos com as ideias de Boaventura (1995), Ranci (2005), Minayo (2000; 2001) e Lincoln e Guba (1988; 2006), busca-se, pelo entendimento da constituição destas relações na pesquisa social, repercutir sobre a dinâmica contemporânea da produção do saber. No entanto, acreditamos ser imprescindível a constante busca por um quadro de ideias que apresente novos olhares acerca da relação entre pesquisadores e atores sociais, ou seja, que este assunto se torne objeto prioritário das reflexões dos investigadores sociais e de outras áreas do saber.

É necessária a compreensão de que a utilização de procedimentos metodológicos com a única finalidade de controlar a influência do ator social sobre o desenho da pesquisa, por exemplo, apenas implicam na renúncia a focalizar a construção de uma linguagem que se baseie na alteridade em relação ao *outro*, também sujeito e construtor do modo como se conhece a realidade social.

Portanto, é preciso recusar a ideia de que os atores sociais ocupam um lugar de incompletude de seus saberes na construção da pesquisa social. Afinal, o reconhecimento da legitimidade de outros saberes enquanto legítimos à leitura da realidade é um movimento que marca um lugar epistemológico importante no debate teórico-metodológico atual, e, em especial, nas Ciências Humanas e Sociais. É preciso encurtar distâncias, deslocar saberes, permitir a fala dos atores sociais subalternizados na construção do conhecimento histórico.

Afinal, e mesmo reconhecendo certas fragilidades, para Ranci (2005), estratégias bem delineadas podem surtir efeito neste jogo relacional entre esses sujeitos. O uso de técnicas de prevenção a estes obstáculos, assim como a observação mais participante e a empatia, são mecanismos capazes de enfrentar este distanciamento tão recorrente entre atores sociais e pesquisadores. É preciso considerar, nesses termos, que a pesquisa exerce, também, uma função de leitura e escuta ativa, de modo que o ator social é compreendido como protagonista no processo de produção de conhecimento e leitor dos fenômenos e problemas sociais.

A noção de pesquisa necessita permear o diagnóstico sobre a realidade na qual estão inseridos os sujeitos, a partir de um método participativo, considerando, nesse sentido, que a dimensão política do ato investigar se apresenta como o fortalecimento do pensamento social e das sensibilidades sobre como se enxerga o cotidiano na produção do conhecimento.

Pensar a relação pesquisador e atores sociais na pesquisa social incide, dessa forma, para a valorização de metodologias que favoreçam o desenvolvimento humano e a consideração da subjetividade. A sistematização da metodologia pode permitir a replicação de estudos e de experiências em diferentes localidades, possibilitando que múltiplas informações produzidas por diversos e diferentes grupos sejam protótipo para novas e inclusivas investigações sociais.

Nesses termos, é dada expressiva importância à ideia de quem são e o que dizem os participantes da pesquisa. Certamente, outros estudos, assim como propomos aqui, podem, agora, relacionar a possível relação ou dimensão formativa da pesquisa e de como a relação instituída na busca pela construção do saber é determinante no cotidiano dos sujeitos investigados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente ensaio não apenas questiona, mas, também, aponta para a possibilidade de ser redimensionada a pesquisa social enquanto lócus político-interventivo.

Vê-se, a partir das discussões apresentadas, que o saber acadêmico construído social e coletivamente deve também perpassar a mudança de ações no campo e com os sujeitos pesquisados. Ainda, que é possível enxergar e considerar os destinatários de um dado estudo social de modo não positivista, por meio da reconsideração das características base ocidental e cartesiana do método – por essência distanciador e negador do subjetivo e do relacional.

Neste ensaio sustentamos a necessária ideia de interrelacionalidade entre pesquisador e pesquisado – estes últimos vistos como sujeitos não estanques e não fragmentariamente classificáveis – assim como defendido nos posicionamentos de Boaventura (1995), Ranci (2005), Minayo (2000; 2001) e Lincoln e Guba (1988; 2006). É neste cenário teórico que reside a grande peculiaridade sobre como melhor conhecer uma dada realidade. As especificidades de cada local devem ser consideradas e permitir que o processo de investigação seja participativo, inclusivo e sincronizado entre diferentes sujeitos envolvidos – pesquisador e atores sociais.

Entendemos que é por meio de posturas afirmativas do sujeito no âmbito da pesquisa que se pode construir uma reflexão sobre o papel do ator social na construção do conhecimento. Nesse sentido, os sujeitos passam a ser vistos não apenas como meros respondentes, mas também, construtores deste saber. Esta condição se torna determinante para a configuração de um conhecimento que se aproxime qualitativa e equitativamente da realidade vivida e descrita na pesquisa social.

Dessa forma, o redimensionamento do olhar sobre a pesquisa social trata de refutar alguns alicerces dos modelos tradicionais e cartesianos de se compreender o mundo, por exemplo, de matéria como algo sólido atomizado, de fatos objetivos no mundo externo independentes do observador, de dimensão fragmentária e simplificadora da vida, da divisão homem-natureza, entre outros.

O que se ganha com a desconstrução de fórmulas lineares e reducionistas de entender a realidade coincide e deve ser compreendido em termos de abertura para a interação, cooperação e diálogo de saberes, características que não podem ser

desconsideradas na pesquisa social, e, em especial, naqueles estudos que se voltam a problematizar as diferentes expressões da subjetividade, sob o risco de torná-la inócua.

As reflexões atingidas ao fim deste estudo conjugam um olhar multidimensional sobre a relação entre ator social e pesquisador, onde a vivência na pesquisa – e a pesquisa da vivência – (re)orienta os sujeitos a construir novos modos de interagir e de descrever a realidade em que se inserem. Instrumentalizar e cristalizar estas vivências aduz à compreensão desse momento enquanto oportunidade de alicerçar outras ações, afirmadoras do lugar social dos sujeitos investigados.

Nesse sentido, acreditamos que este modo de ver, pensar e investigar situações e experiências inerentes ao cotidiano se perfaz enquanto uma política teórico-epistemológica, afirmadora de uma relação não hierarquizada do saber e do pesquisador em relação à realidade e aos sujeitos de pesquisa, como aponta o referencial teórico estudado.

REFERÊNCIAS

LINCOLN, Yvonna S.; GUBA, Egon G. **Effective evaluation**. San Francisco: Jossey Bass Publishers, 1988.

Controvérsias paradigmáticas, contradições e confluências emergentes. In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. **O planejamento da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 7. ed. São Paulo: Hucitec/Abrasco, 2000.

_____. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

_____. **Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade**. Ciênc. Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 621-626, mar., 2012.

PACHECO, Mariana Pimentel Fischer. *Hermenêutica, direito e cultivo da Paz*. In: PELIZOLI, Marcelo (Org.): **Cultura de Paz: a alteridade em jogo**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2008.

RANCI, Costanzo. Relações difíceis: a interação entre pesquisadores e atores sociais. In: MELUCCI, Alberto. **Por uma sociologia reflexiva: pesquisa qualitativa e cultura**. Petrópolis: Vozes, 2005.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna. **Estud. av.**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 46-71, ago., 1988.

_____. **Um discurso sobre as Ciências**. São Paulo: Cortez, 1995.